
MEMÓRIAS E ESTRANHAMENTOS NA EXPOSIÇÃO QUEERENTENA: SUBJETIVIDADES DE CORPOS ISOLADOS PELA PANDEMIA E PELA CISHETERONORMA

MEMORIES AND ESTRANGEMENTS IN THE QUEERENTENA EXHIBITION: SUBJECTIVITIES OF BODIES ISOLATED BY THE PANDEMIC AND THE CISHETERONORM

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO

Universidade Federal de Juiz de Fora

RICARDO DESIDÉRIO DA SILVA

Universidade Estadual do Paraná

Resumo: A pandemia de covid-19 intensificou processos de isolamento que já são conhecidos pelas pessoas LGBTQIA+ em razão das violências engendradas pela cisheteronorma. Neste artigo, objetiva-se discutir como a exposição online *Queerentena*, idealizada pelo Museu da Diversidade Sexual, insurge com questionamentos para estranhar os regimes normativos estabelecidos socialmente aos corpos pelo gênero e pela sexualidade e agravados no surto de coronavírus. Com esse intuito, parte-se por dois eixos centrais de discussão: (i) os sentidos atribuídos para gênero e sexualidade em disputas nesse cenário pandêmico; (ii) disputas entre memórias e esquecimentos das vivências *queerentenas*. Ancorados por referenciais teóricos e políticos da teoria queer, compreende-se que, por meio da arte, há um escapismo das mazelas que se intensificaram às vidas LGBTQIA+ em consequência da covid-19. Ao mesmo tempo, pela arte, é possível denunciar e escancarar os regimes de precariedade que atravessam nossas vidas, que tentam docilizar nossos corpos e que agem por meio da violência.

Palavras-chave: queerentena; teoria queer; arte; memórias; estranhamentos.

Abstract: The covid-19 pandemic has intensified processes of isolation that are already known to LGBTQIA+ people because of the violences engendered by the cisheteronorm. In this article, the objective is to discuss how the online exhibition *Queerentena*, conceived by the Museu da Diversidade Sexual, raises questions to make strange the normative regimes socially established for bodies by gender and sexuality and aggravated in the coronavirus outbreak. To this end, two central axes of discussion will be used: (i) the meanings attributed to gender and sexuality in dispute in this pandemic scenario; (ii) disputes between memories and forgetfulness of *queerantined* experiences. Anchored by theoretical and political references from queer theory, it is understood that, through art, there is an escapism from the ills that have intensified to LGBTQIA+ lives as a result of covid-19. At the same time, through art, it is possible to denounce and expose the regimes of precariousness that cross our lives, that try to docilize our bodies and that act through violence.

Keywords: queerentena; queer theory; art; memories; estrangement.

1 INTRODUÇÃO

Queerentena. Corpos queerenteados. Neologismos que derivam de condições de isolamento impostas pela pandemia de covid-19, mas que escancaram a intensificação das condições de vulnerabilidade e precariedade para a vida de pessoas LGBTQIA+. Em um cenário de avidez que atravessa abruptamente o cotidiano, altera a sociabilidade e as experiências no e com o mundo, as afetações precisam ser potencializadas e permitem olhar com estranhamento para o nosso redor. É perceber que existem corpos que tendem a sofrer mais que outros em razão dos lugares sociais de violência instaurados historicamente e, com o alastramento do coronavírus, tais flagelos se acentuam.

Antes de tudo, faz-se necessário retomar bases históricas do termo *queer* cujo fundamento violenta a partir de ofensas para enquadrar o que é tido como anormal, isto é, destoante das normatividades vigentes culturalmente. Essa volta aos significados permite entender as atribuições na linguagem que reforçam os regimes cristalizadores de violência e normalidade para os sujeitos. De etimologia inglesa, *queer* é dicionarizado como verbo, adjetivo e substantivo em que as variações das classes gramaticais querem dizer de ações para arruinar, como qualificante para estranho, anormal ou adoentado, e ainda para denominar pejorativamente homossexuais (BUENO, 2007). A hostilidade do significado aponta para a subalternização e está intrinsecamente relacionada à abjeção, experiência de ojeriza a algo, e que no caso é de aversão a quem incorpora a diferença em seu corpo e em sua vida, o que resulta em tornar-se vítima de violência (BUTLER, 2019; MISKOLCI, 2020). Em contrapartida, movimentos contraculturais, políticos e acadêmicos emergentes a partir da década de 1990 acendem a urgência de ressignificação e subversão do *queer* para rejeitar qualquer zona de normalização de cunho cisheterocentrado. Um dos momentos históricos catalisadores para transformações foi a epidemia de HIV/aids que mostrou como as relações de poder se tecem por meio de categorias identitárias de gênero e sexualidade, tornando-as menores e anormais (SPARGO, 2019).

Se o vírus HIV catalisou processos de estigmatização a grupos marginalizados socialmente e incitou revoltas políticas e epistemológicas na insurgência contra as normas, esse quadro epidemiológico mostra a ação da biopolítica e da resistência dos sujeitos (MISKOLCI, 2020). Nessa trilha, refletir sobre a pandemia inaugurada pela disseminação do coronavírus em março de 2020, acende para o conjunto de mecanismos de controle dos corpos, ou seja, a biopolítica agindo por técnicas de sujeição e de interferência na vida (FOUCAULT, 2020; MISKOLCI, 2019). A covid-19 marcou o aumento de violações contra vidas LGBTQIA+, dificuldades de acesso a condições dignas de educação, saúde e emprego, assim como elevou o número de casos de adoecimentos mentais. Enquanto a pandemia usurpa a vida e agrava as desigualdades, locais de estabelecimento de redes de apoio que permitem conexões e liberdades, fundamentais para alianças e amizades, são impossibilitados de serem acessados pela tonificação da crise pandêmica (RAMOS, NICOLI, PEDRA, 2020).

Diante dessa situação em um cenário conturbado composto pela negligência governamental e para contornar os percalços da ausência do contato presencial e dos riscos iminentes da circulação do coronavírus, destacamos uma ação on-line cujo estabelecimento ocorre no início da pandemia e permanece publicada até hoje: a exposição *Queerentena*, organizada pelo Museu da Diversidade Sexual e disponibilizada na plataforma *Google Arts & Culture*¹. Dividida em duas curadorias que se complementam — *Inspira* e *Expira* —, estão reunidos trabalhos com as mais diferentes expressões artísticas que se debruçam sobre reflexões da quarentena, do isolamento e da precariedade, que já são cotidianas para muitas pessoas LGBTQIA+.

“Como a arte interpreta o mundo no isolamento? Como artistas LGBTI+ se veem na quarentena?” (MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL, 2020, on-line). Com essas perguntas motivadoras, *Queerentena* provoca a partir da arte e coloca em jogo disputas por visibilidade política para reivindicar atenção aos corpos, aos sentimentos, ao cotidiano e aos afastamentos na vida, algo que vai além do confinamento da covid-

¹ Todas as obras que compõem a exposição podem ser conferidas on-line pelos links:

<https://artsandculture.google.com/story/ogVBSUtYsMbBOw?hl=pt-br> e

<https://artsandculture.google.com/story/RgURHz6frRLGMw?hl=pt-br>. Acesso: 14 jun. 2022.

19. A exposição mobiliza o *queer* como ação, como verbo que se projeta para estranhar.

Dessa forma, neste artigo, objetiva-se discutir como a exposição on-line *Queerentena* idealizada pelo Museu da Diversidade Sexual, insurge com questionamentos para estranhar os regimes normativos estabelecidos socialmente aos corpos pelo gênero e pela sexualidade no surto de coronavírus. As discussões se dividem em dois eixos centrais: (i) os sentidos atribuídos para gênero e sexualidade em disputas nesse cenário pandêmico; (ii) disputas entre memórias e esquecimentos das vivências queerentenas.

Importante destacar que a caminhada proposta neste artigo se fundamenta em razão da crescente pertinência em salientar os estudos de gênero e sexualidade para o debate acadêmico e estabelecer diálogos com nossos fenômenos por meio de um ponto de vista comunicacional. Em um longo mapeamento de dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação de Comunicação do Brasil entre 1972 e 2015, Tainan Tomazetti (2020) identificou que, apesar da ascensão nos últimos anos de pesquisas que envolvessem tais problematizações, os trabalhos com interlocuções com os estudos de gênero² ainda estão no começo e necessitam de esforços para ampliar seu alcance no campo das discussões epistemológicas. A conclusão do mapeamento é de que “talvez nosso lugar de iniciantes seja o melhor lugar para se estar nesses tempos, pois estamos abertos para aprender” (TOMAZETTI, 2020, p. 79). Intrigado por essa constatação, torna-se notório fomentar trabalhos sobre os diferentes elementos participantes dessas relações em conversa com saberes comunicacionais para abrir oportunidades de compreensão dos processos culturais e sociais que nos entrecruzam.

Une-se, assim, a urgência acadêmica e epistemológica apresentada à teoria *queer* como compromisso teórico e político de questionar práticas normativas históricas e culturais que participam de processos simbólicos e representações sociais sobre os corpos, os sujeitos e as identidades. Como *um aprendizado pelas diferenças*, tal como descreve Richard Miskolci (2020), a teoria *queer* potencializa estranhar regimes de normalização sobre gênero, sexualidade e tantos outros marcadores das

² O autor mobiliza estudos de gênero como termo guarda-chuva para propostas cujo desenvolvimento se ancorou em perspectivas feministas, LGBTQIA+, *queer* ou em estudos das feminilidades e masculinidades.

diferenças. Ao passo que a desconfiança fissura as cristalizações, em um momento pandêmico, a problematização da reconfiguração do cotidiano, da resistência ao isolamento e das relações de poder balizadas pela cisheteronormatividade permitem duvidar dos enredamentos nesses arranjos e entender as inquietações refletidas nas produções artísticas.

2 MANIFESTAÇÕES *QUEER* ARTÍSTICAS E POLÍTICAS

Desenvolvido para acolher e resgatar memórias e histórias dos movimentos LGBTQIA+, o Museu da Diversidade Sexual (Figura 1) é o primeiro da América Latina a se dedicar sobre tais temáticas. Está instalado na Estação República do Metrô em São Paulo e ligado à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado. Inaugurado em 2012, o acesso é gratuito aos visitantes e reúne manifestações artísticas que procuram estimular discussões sobre a diversidade sexual e avivar as lutas sociais. João Silvério Trevisan (2018) destaca que a criação do museu contribui para formação de um acervo para conservação das memórias das vivências LGBTQIA+ no Brasil, além de estar estrategicamente posicionado em um local de visibilidade onde milhares de pessoas transitam todos os dias. Entre as ações realizadas, destacam-se produções sobre Caio Fernando Abreu, Darcy Ribeiro, Vânia Toledo (TREVISAN, 2018) e, mais recentemente, *Queerentena*. Todas elas com diferentes propostas artísticas e mobilizando variadas linguagens e propostas estéticas.

Figura 1: Fachada do Museu da Diversidade

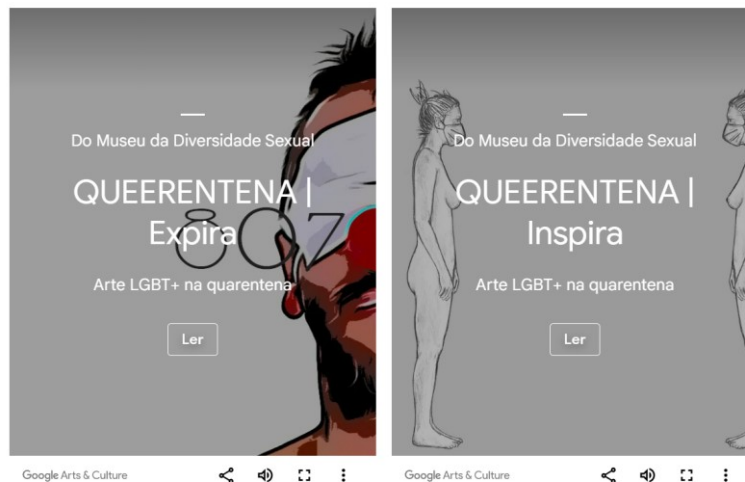


Fonte: <https://museudadiversidadesexual.org.br>

Vale ressaltar que o ativismo não é um fenômeno de emergência contemporânea somente, mas se trata da ascensão de coletivos e artistas cujas propostas mesclam questões de debate sobre gênero e sexualidade juntamente a ações políticas de reivindicação e contestação das dissidências (COLLING, 2018; TREVISAN, 2018). Com possibilidades interativas que se expandem com as lógicas plataformizadas e on-line dos espaços digitais e extravasam para o social, o ativismo emerge como gesto contestativo, provocador e para causar ruído aos sistemas normativos. Nas palavras de Trevisan (2018, p. 528), “ação política e ação artística se tornavam um amálgama explosivo, em ritmo de guerrilha cultural” (TREVISAN, 2018, p. 528). Logo, a efervescência provocada pelas artes irrompe frente aos ataques morais e conservadores que atravessam a história do Brasil e afeta a normatividade com criatividade.

Nesse cenário mediado e impulsionado pelas tecnologias, o Museu da Diversidade Sexual inaugurou sua primeira exposição on-line sob o contexto da pandemia de covid-19. Pelas impossibilidades da presencialidade, a alternativa para alcance do público e exibição de artistas foi pela plataforma *Google Arts & Culture*. *Queerentena* (Figura 2) reúne 60 obras de artistas de diferentes partes do Brasil que passam pelas temáticas do isolamento social juntamente ao isolamento do corpo, às relações pessoais e subjetivas alteradas e ao cotidiano abruptamente atravessado pelo risco do vírus e da cisheteronorma. A curadoria das obras foi realizada logo no início do surto da covid-19 após chamamento público e o lançamento ocorreu em maio de 2020.

Figura 2: Página on-line das exposições *Queerentena Expira* e *Inspira*



Fonte: <https://museudadiversidadesexual.org.br/progdigital>

O resultado evidencia as diferentes formas de viver a quarentena conforme as dores que afligem cada um e socialmente, mas que convergem na solidão, nas sensações de distanciamento, na ansiedade e em questões patentes para a comunidade LGBTQIA+ que enfrenta as exclusões da sociedade, as quais são tonificadas pela covid-19. Essas perspectivas revelam como as afetações são distintas entre grupos sociais, ou seja, “(...) pessoas em estados de vulnerabilidade e precariedade sofrem com a pandemia um flagelo ainda maior sobre seus corpos” (PESSOA, MENDONÇA, 2020, p. 107). Por meio da arte, *Queerentena* inspira pela capacidade criativa e expira os problemas da pandemia em nossas vidas, que já são desafios cotidianos enfrentados com muitas estratégias de resistência.

Apesar de o Museu da Diversidade Sexual manter exposições presenciais e online, seu espaço físico está fechado desde 1º de maio de 2022, após decisão judicial encabeçada por uma ação movida pelo deputado estadual Gil Diniz (PL)³. Em um contexto de ascensão conservadora e moralista na sociedade e política brasileira, a suspensão das atividades indica a reação contrária aos movimentos que as artes têm de captar as franjas do autoritarismo e denunciá-lo publicamente.

3 AFIRMAÇÃO DAS DIFERENÇAS E QUESTIONAMENTO DAS NORMAS

Queer tem significados flutuantes em caminhos cujas rotas são movediças. Guacira Louro (2020) entende *queer* como um pensamento que não ultrapassa apenas a sexualidade, é ambíguo para incomodar, é estranho para questionar e está entre-lugares para ocupar. Como teoria, compreendem-se estudos que se estabelecem nas diferenças para sinalizar as características fabuladas pelas convenções normativas. Seguindo o argumento de Tamsin Spargo (2019, p. 33), “(...) então podemos dizer que a teoria queer utiliza o termo ‘queer’ como verbo que põe em dúvida as pressuposições sobre ser e agir de modo sexual e sexuado”. Logo, é uma ação de

³ Cabe salientar que o deputado citado é conhecido como “Carteiro Reaça” e apoiador bolsonarista. A ação judicial movida por ele teve como foco a insatisfação com a quantia da verba destinada pelo governo de São Paulo para o museu, alegando, com isso, problemas administrativos na gestão da instituição. A conquista foi comemorada por Gil Diniz em seu Twitter destacando que não haverá a exposição sobre drag queens, que seria inaugurada, e frisando que conseguiu fechar o museu. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/museu-da-diversidade-fecha-apos-decisao-da-justica-de-sp.shtml>. Acesso em: 7 jul. 2022.

interpelar os regimes normativos que visam atribuir o binarismo normal-anormal, deixando a heterossexualidade em um posto de naturalidade, enquanto outras expressões e desejos sexuais são vistos como improcedentes. Mais do que marcar significados para a teoria *queer*, o que seria uma ação contraditória a suas proposições, é importante tê-la em vista como um conjunto teórico, reflexivo e político cuja instabilidade é a força motriz para os estranhamentos (SALIH, 2019).

Ao pôr em xeque as normas, deve-se considerar que, intensamente, são projetados processos pedagógicos de educação aos corpos, com vistas a alocá-los nas especificações do que é tido como normal. A coerção se dá na definição, classificação, inferiorização e violência com todos que são considerados “outros” ao sujeito universal da norma — homens cisgênero, heterossexuais, brancos, econômica e socialmente pertencentes a classes altas, os mesmos que são historicamente centralizados como parâmetro e reguladores das representações sociais. Com esses processos, os corpos são marcados por estigmatizações, estereótipos e significados em permanente atualização nos processos simbólicos e na configuração de sistemas de representação (LOURO, 2003, 2019).

A atribuição de significados dados aos sujeitos só faz sentido dentro de uma cultura, assim como todo o empreendimento para isso exige repetição. Como afirma Louro (2020, p. 76), “as marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder”, logo os efeitos de sentido precisam ser atualizados e recuperados para que as normas se façam presentes. Todo esse movimento de afirmar e contradizer só acontece no e através do corpo que é constantemente marcado por meio das divisões taxonômicas, determinação e estabelecimento de limites para os sujeitos e suas vidas. Marcas que ferem e deixam cicatrizes no corpo durante as interações comunicacionais e em nossa socialização no mundo (LOURO, 2003, 2019). Além disso, as marcas são atribuídas a valores de bom ou ruim, isto é, na cultura em que a cisgeneridade e a heterossexualidade são relacionadas ao que é normal, tornam-se sinônimas do que é estimado, respeitado e ideal a ser alcançado. Do contrário, a pessoa sofre com opressões e violências cotidianas. Os investimentos pedagógicos para ensinar e aprender como se deve ser,

estar e viver ocorrem em diferentes instâncias sociais, desde as famílias, as escolas, até as mídias e estar na rua. Esse esforço disciplinar pode operar explicitamente por regras e ordenamentos a começar na infância até tacitamente pelos não-ditos que rondam nossas experiências.

Em contrapartida, Judith Butler (2019) acentua a instabilidade das normas, já que, incessantemente, necessitam de serem reiteradas nos discursos. Pela linguagem, a norma se efetua ao mesmo tempo que está em permanente inconstância. Essa característica mutável destaca as possibilidades de insurgência frente às normas, de contrariá-las e de adentrar as brechas para mostrar as incompletudes que lhes são constitutivas. Um desses caminhos, como é possível observar com *Queerentena*, é pela arte, formando mecanismos simbólicos de resistência ao poder. Mecanismos estes que, nas imagens expostas “encontram subtextos que apontam modos de vida, modelos de ser e estar em sociedade” (SILVA, 2020, p. 356). Discursos que operam e normatizam “práticas culturais que educam nosso olhar e sobre os efeitos desse olhar sobre quem olha” (FERRARI; CASTRO, 2012, p. 14).

Contudo, há que se notar que a docilização dos corpos quer fixar padrões totalizadores, contudo há algo que escapa, que foge ao binarismo ou às normas. E a teoria *queer* evidencia esses escorregamentos e ambiguidades que nenhuma norma consegue estancar. Nenhum significado pode ser considerado findado e pronto ao corpo que lhe é designado. Muito pelo contrário, existem contestações ou, como enfatiza Louro (2019, p. 39), “os sujeitos deslizam e escapam das classificações em que ansiamos por localizá-los”. Afinal,

[...] o corpo é um campo aberto de conflitos e debates, com linguagens e problemáticas que se renovam sistematicamente. Esse movimento afirma que o corpo está vinculado ao próprio sujeito e inserido nas formas sociais da cultura [...]. O corpo é sempre criado a bel prazer, como seus vários discursos (COUTO, 2015, p. 10).

É justamente por essas razões que os estudos *queer* têm como intuito a luta política e epistemológica pela afirmação das diferenças, pela contestação do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2020) e por prover outras ressignificações aos corpos que fujam das lógicas de dominação.

As pedagogias falham ou agem apenas em partes. Isso significa que o corpo estranho (LOURO, 2020) é aquele que não quer e não pretende atender aos discursos e às práticas normalizadoras. É assumir uma posição de inquietação frente aos modelos hegemônicos e associados como ideais para a vida. Sobretudo, expandir as perspectivas políticas que permitam a todas as vivências liberdade para assumir a diferença.

Olhar para o cenário pandêmico a partir das lentes teóricas-reflexivas da teoria *queer* é criticar um regime que não só é atordoante pelo sofrimento dos corpos, mas que se soma às barreiras da desigualdade que se intensificam na comunidade LGBTQIA+. Nesse sentido, o movimento realizado a seguir tem como interesse olhar para a arte como *locus* de deslocamentos na temporalidade pandêmica capaz de constranger os regimes de isolamento e fornecer arsenal político de reivindicações e contestações às práticas discursivas de poder que atravessam e constituem esse período histórico.

4 DISPUTAS ENTRE APAGAMENTO E MEMÓRIA DA HISTÓRIA LGBTQIA+

As experiências da normatividade invadem nossos corpos e afetam nossas apreensões sobre nós e o mundo. Somos violentados permanentemente pelo controle e pela dominação das normas que querem fazer valer seus significados em nós.

Mediante uma vigilância que é "ao mesmo tempo global e individualizante", onde o "anteparo da escuridão" é substituído por uma "visibilidade isolante", vai-se constituindo então um tipo de poder que se exerce "por transparências", uma dominação que se faz como que por "iluminação" (FOUCAULT, 1996, p. 200).

Logo, em tempos tão conturbados como a pandemia, essas sensações parecem se solidificar com mais rigor em nossas vidas, visto a falta de espaços de acolhimento, de redes de alianças e de uniões para agir juntos. Eve Sedgwick (2007) entende como a analogia do "armário" remonta para processos que dão sustento e engendram as separações entre homossexuais e heterossexuais, garantindo atributos de visibilidades e invisibilidades, assim como estabelecem a cultura e a história. Trata-se de um

dispositivo que assegura a manutenção das relações da cisheteronormatividade, afeta os ordenamentos da sociedade e produz significados para os corpos. De modo análogo, é possível perceber que a exposição *Queerentena* não é apenas uma forma de sair dos armários da cisheteronormatividade, mas de projetar inquietações que assolam as vidas e as marginalizam. Por outro lado, o isolamento social da covid-19 e todas as suas consequências sociais criam outros armários que se estruturam com base no agravamento das vulnerabilidades e das tensões que regulam nossas vidas. Isso pode ser ilustrado pelos resultados da pesquisa conduzida pelo Coletivo Vote LGBT (2021) que constatou a interligação entre os efeitos da pandemia e os marcadores sociais que nos atravessam. Assim, problemas financeiros, adoecimento mental, falta de apoio e descontentamento com o governo se somam às adversidades relatadas (VOTE LGBT, 2021).

Embora haja tonificação do controle dos corpos, não há controle da experiência e do sentido. Encontramos as brechas e as margens como espaços de agência para fissurar a falsa solidez normativa. São nos microencontros e nas micropolíticas que organizamos embates e confrontos. Nesse sentido, a partir de múltiplas estratégias de resistência para subversão de lógicas centradas na cisgeneridade e na heterossexualidade, os sujeitos devem se reunir em “multidões queer” (PRECIADO, 2011). O termo “multidão” é empregado para sugerir uma aglomeração que age e intervém, ou seja, assume-se “bicha” ou “sapatão”, por exemplo, identidades localizadas como “abjetas” e insurge para contrapor ao normalizado. A multidão queer também recusa rótulos e se fortalece por modos de subjetivação discordantes das categorizações de “normal” e “anormal”. Preciado (2011, p. 18) destaca haver “(...) uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações, uma diversidade de potências de vida”. Salienta-se, portanto, a desestabilização nas bases que sustentam os regimes de normalidade, que se tornam normativos, ou, se quisermos empregar o termo trazido pelo filósofo, “straight”, aquilo que seria central como referência para a vida dos sujeitos.

Nas exposições, verifica-se a potência da aglomeração em um momento pandêmico no qual as recomendações sanitárias indicavam o afastamento do contato presencial. O que sobrou foi o resíduo do encontro (PESSOA, MENDONÇA, 2020) e,

para contorná-lo, as alternativas possíveis do espaço on-line permitiram a reunião de artistas de diferentes localidades geográficas com produções audioverbovisuais sobre o contexto de quarentena e trazer públicos, o que aumenta a visibilidade e circulação da exposição. Com essa multidão *queer*, cada um pôde evidenciar os flagelos da reclusão e se unir para projetar das incertezas aos efeitos do isolamento. Em seu conjunto, *Queerentena* torna-se disruptiva por lançar holofotes sobre quem estava às margens e silenciado socialmente.

Ao passear pelas produções artísticas, de início, somos interpelados: “O que há de diferente agora para quem é posto sempre à margem? Como lidamos e reconfiguramos os nossos sonhos, desejos e ansiedades? Como reconhecemos nossos corpxs?” (GOOGLE ARTS & CULTURE, 2020b) “O que são esses novos modos de relações sociais? Isolamento é um novo lugar de privilegiados? Em quais condições podemos nos isolar? Como nosso corpo trancado reage ao que está fora?” (GOOGLE ARTS & CULTURE, 2020a). Dúvidas que já assumem o deslocar das formas de pensar a pandemia e se projetam aos públicos que transitam pelos espaços on-line como ações de reivindicação para aparecer. Mais do que ter respostas totalizadoras para as perguntas, a exposição convida a refletir conjuntamente sem a pretensão de unificar as demandas apenas às vozes dos artistas. Mas é salientar que são corpos que dizem, demandam, insurgem, se unem. Nas obras de arte, o corpo adquire centralidade pela busca de reconhecer esse estar sozinho, sufocado e colocado em posições que já estive e está em razão das normatividades, todavia sob condições mais graves ou que se tonificam pelas precariedades pandêmicas. Se o corpo é alvo das coerções do poder, é por ele que se burla as normas, ações possíveis de serem apreendidas em *Queerentena*. Desde os sentimentos que afetam, o autorreconhecimento do corpo, os retratos do cotidiano até mesmo a sensação de sufocamento de estar sozinho na sociedade. Tudo passa pelo corpo e se encarna.

Se a cisheteronormatividade lança-se como projeto de apagamento das diferenças e de nossas histórias, nota-se que as memórias deixadas pelas exposições são ininterruptas e se espriam por dimensões incalculáveis. Apesar de atualmente o Museu da Diversidade Sexual estar fechado, a publicação das obras on-line permite que os artistas e visitantes fiquem imunes à transmissão do coronavírus no espaço

físico, como também forma uma zona de preservação de memórias LGBTQIA+. Mesmo que a pandemia cesse, as reivindicações continuarão projetadas como marco de um tempo histórico de violências, que não são de agora. Estar on-line proporciona a ampliação da circulação e do alcance de pessoas que, sob outras condições, não poderiam ter acesso à visita.

O campo da memória é permeado por disputas simbólicas e discursivas nas relações de poder. Deve-se considerar que as memórias se constituem no presente, ao passo que estamos submersos de percepções e sensações que ficam para trás. Logo, com o objetivo de *Queerentena* em vista juntamente aos aportes teórico-políticos *queer*, compreende-se que o amálgama composto pelas críticas artísticas coloca em cena lutas por presença, existência e dignidade. É possível sintetizar com as palavras de Butler (2018, p. 30) como estranhamentos por “uma vida que possa ser vivida”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO ARTES E ESTRANHANDO NORMAS

Na sociedade contemporânea, docilizar e disciplinar os corpos ainda têm sido práticas comuns. A cisheteronormatividade se reforça a partir de projeções de apagamento, ora de nossas próprias diferenças, ora de nossas histórias. No que tange esse estudo, os corpos *queerenteados* perpassam dois grandes momentos: os corpos isolados — protegidos de/por quaisquer ameaças; e os corpos políticos — que resistem às quaisquer rupturas e se fortalecem. Nas exposições, os corpos são o que David Le Breton (2003) denomina de “corpo eletrônico”, àquele que

[...] atinge a perfeição, imune à doença, à morte, à deficiência física. Ele representa o paraíso na terra, um mundo sem a espessura da carne, dando viravoltas no espaço e no tempo de maneira angelical, sem que o peso da matéria impeça seu avanço. Como água que se mistura à água, a carne eletrônica se dissolve em um universo de dados que nada pode deter (LE BRETON, 2003, p. 124).

Por outro lado, por meio da arte, há um escapismo das mazelas que se intensificaram às vidas LGBTQIA+ em consequência da covid-19. Ao mesmo tempo, pela arte, é possível denunciar e escancarar os regimes de precariedade que atravessam nossas vidas, que tentam docilizar nossos corpos e que agem por meio da violência.

A teoria *queer* evidencia as diferenças para rechaçar as normas e seus empreendimentos de normalização que agem pedagogizando incessantemente ao longo das nossas vidas. A partir do caminho teórico apresentado com Butler (2019), Louro (2003, 2019, 2020), Miskolci (2019, 2020) e outros pesquisadores filiados às abordagens *queer*, destaca-se um movimento tensionador e crítico cujo propósito é causar incômodos e subverter as lógicas de dominação que prevalecem no tecido social. Nesse sentido, formam-se instrumentos teórico-políticos que fornecem possibilidades para os sujeitos subalternos questionarem as normas que atuam em seus corpos, controlando-os e violentando-os, e agir de forma discordante aos pressupostos normativos. Se para valer sua ação de regulação necessita da repetição e atualização frequente nos discursos, a insurgência pode se dar na linguagem e na mobilização de diferentes sistemas simbólicos como gestos de combate e de evidência das brechas das normas.

Esses saberes em interseção com a exposição nos apontam movimentos de levantamento cultural e político contra os regimes de dominação que nos afligem e ganham contornos mais densos durante a covid-19. Quando a recomendação sanitária é evitar a aglomeração física de corpos em um mesmo espaço, *Queerentena* contorna esse obstáculo por meio das multidões *queer* on-line, estratégia que catapultou não só o alcance de novos públicos de diferentes geolocalizações, como também formou um locus de memória, onde os registros desse tempo histórico ficarão publicados mesmo com o fim da pandemia. Memórias estas que apontam para um regime politicamente arrebatador sobre corpos que encarnam as diferenças e lutam pela aparência pública.

A covid-19 coincide com o período histórico brasileiro de ascensão conservadora e violenta nos cargos públicos de administração governamental, o que acelera ainda mais a reificação das cisheteronormas aos sujeitos. A forma de driblar e impugnar esse embate contra as diferenças pode ser por meio da arte. Em microações, como a exposição, fissa-se o que parece cristalizado e traz o convite para unir-se contra o que é intolerável: a violência sobre nossos corpos.

Por fim, como João Silvério Trevisan (2018, p. 578) abrilhanta, “quanto mais escuridão dos opressores, maior será a luz emitida pela purpurina dos oprimidos”. Se a norma opera sistematicamente para nos silenciar e soterrar nossas memórias, a arte é um dos caminhos para estremecê-la e mitigar as opressões.

REFERÊNCIAS

BUENO, Silveira. **Minidicionário**: inglês-português, português-inglês. São Paulo: FTD, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 191-219.

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Sala Preta**, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v18i1p152-167>. Acesso em: 5 jul. 2022.

COUTO, Edvaldo. Sexo além do sexo: performances corporais e pedagogias eróticas. **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 5, p. 10-18, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6363>. Acesso em: 11 jul. 2022.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (org.). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **Queerentena | Expira**. 2020a. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/RgURHz6frRLGMw?hl=pt-br>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GOOGLE ARTS & CULTURE. **Queerentena | Inspira**. 2020b. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/ogVBSUtYsMbBOW?hl=pt-br>. Acesso em: 14 jun. 2022.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-137.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Labrys. Estudos Feministas**, Brasília/Montreal/Paris, v. 4, n. 4, p. 1-7, 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/guacira1.htm>. Acesso em: 8 jul. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-42.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MISKOLCI, Richard. Estranhando Foucault: uma releitura queer de História da sexualidade I. *In*: SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 85-95.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL. **Queerentena**. 2020. Disponível em: <http://exposicao.mds.org.br/expo/queerentena#curatoria>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PESSOA, Sônia Caldas; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Flagelos dos corpos: a pandemia e o agravamento das precariedades. *In*: PRATA, Nair; JACONI, Sônia; NASCIMENTO, Genio (org.). **Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas voltas**. São Paulo: Intercom, 2020. p. 87-111.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>. Acesso em: 5 jul. 2022.

RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; PEDRA, Caio Benevides. **Fora do armário e dentro de casa?** 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/fora-do-armario-e-dentro-de-casa>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SILVA, Ricardo Desidério. Educação audiovisual da sexualidade: uma proposta metodológica para análise e estudo de imagens e sons. **Travessias**, v. 14, n. 1, p. 354-370, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rt.v14i1.23365>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 57-81, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202033>. Acesso em: 4 ago. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOTE LGBT. **Diagnóstico LGBT na pandemia 2021**. 2021. Disponível em: <https://votelgbt.org/s/votelgbtbox1824diagnosticoLGBT2021-b-1.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SOBRE OS AUTORES

Maurício João Vieira Filho

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9638-7390>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6714652801645355>

E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

Ricardo Desidério da Silva

Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (PPGSeD/UNESPAR), campus de Campo Mourão, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Araraquara, SP. Doutor em Educação Escolar na linha de pesquisa em Sexualidade, Cultura e Educação Sexual pela UNESP/Araraquara.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2779-2696>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0871407652290726>

E-mail: ricardo.desiderio@unespar.edu.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIEIRA FILHO, Maurício João; SILVA, Ricardo Desidério da. Memórias e estranhamentos na exposição Queerentena: subjetividades de corpos isolados pela pandemia e pela cisheteronorma. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 14, n. esp., p. 55-72, jun. 2023.

RECEBIDO EM: 13/07/2022**ACEITO EM:** 29/11/2022**PUBLICADO EM:** 18/06/2023

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional